

■ Quem disse que o medo venceu a esperança?

— **Marcio Tavares d'Amaral**

Antes que nos desentendamos: sou funcionário público; professor universitário; aposentado; pela pesquisa e os livros publicados, pertencço à nebulosa categoria social dos intelectuais; sou petista. Acho que chega. Precisava? Precisava. Quero me dirigir aos desencantados intelectuais de esquerda, inclusive professores, inclusive petistas. E eles têm direito a essas informações - digamos - de procedência. Nós procedemos do mesmo lugar. Mas eles, depois de um curtíssimo prazo de seis meses - incompletos - andam divulgando que o medo venceu a esperança. Enquanto eu (e 80% da população, que se lixa para essas coisas de intelectuais, e deu um prazo de quatro anos ao governo) continuo sentindo a esperança e, preocupado como todo mundo minimamente sensível e responsável, não tenho medo - não do Lula, do Dirceu, do Palocci (podem acrescentar outros, a lista não é exaustiva). Pelo contrário: começo a temer quando nós, que devíamos estar formulando a esperança, oscilamos (parece que com alguma volúpia, ou tenho ouvido mal?) para a descrença. Daí para o desespero é um pequeno tropeço; e o desespero da razão não engendra nada que se possa tomar como alegria.

Quando a esquerda chegou ao poder - perdão, ao governo - na França, produziu-se o famoso silêncio dos intelectuais. Acostumados à crítica, não sabiam como proceder diante da nova conjuntura. Foi um silêncio constrangido, e produziu constrangimento. Mas havia no ar uma atitude de pudor, uma busca de novas formas de responsabilidade pública. A loquacidade de uma parte da intelectualidade brasileira, além de prematuramente pessimista, vai na contramão do pudor: Uns parecem querer limpar preventivamente a biografia, outros vão reservando um futuro "eu bem que avisei", hoje perfeitamente extemporâneo, alguns ainda parecem exercer de público seu desamor pela realidade tal qual é, que privadamente é uma das doenças de que costumamos sofrer, os intelectuais - e pode até ser um bom fermento para a crítica, mas no fundo revela simplesmente um desrespeito à vida real.

Com franqueza, o que me dá medo é a facilidade com que, à primeira demora, se descarta a esperança. E isso por parte dos que têm por única legitimação pública o fato de terem se especializado em pensar com isenção e explicar com objetividade. Não é o que se tem visto (exceções existem, é claro, e nem era preciso ressaltar; mas também não custa). O que se vê, e estarrece, é: declarações explícitas de corporativismo; condenação em bloco do que merecia discussão em partes; esquecimento da nossa proveniência comum, desde os tempos da resistência à ditadura até a eleição do Lula; encantamento pelos holofotes tal que parece mais fácil declarar à imprensa seu desencanto do que ir discutir nas instâncias próprias suas divergências. Porque, diz-se, se era para ficar como estava que ficasse logo com quem estava, que para isso era melhor. Será tão invisível para os profissionais do pensamento que a reforma Fernando Henrique levava uma direção privatizante, de Estado mínimo, e seu destino era a vala comum da dívida, enquanto a nossa, do governo Lula, visa a justiça previdenciária e fiscal, põe o Estado como fiador da igualdade possível, e tem por fim o investimento social? E que isto é só o começo, e o começo viável, dado que a realidade existe, condiciona, limita e impõe - e também é onde os sonhos se realizam, aos bocados, mas seguramente? Haverá entre sociólogos e outros quem de verdade acredite que o Fome Zero, versão completa, é um programa assistencialista e clientelista, só porque, ao lado de medidas estruturais em elaboração, propõe-se a dar desde já comida a quem tem fome? Tem gente com fome. Gente. Não teorias. E há quem, pensando dois minutos, consiga levar a sério essa conversa de universalização e focalização?; não se trata exatamente da antiga idéia - de esquerda - de que a igualdade (universal) só se atinge tratando desigualmente os desiguais (focalização)? E a concentração dos diversos programas sociais segundo uma política estratégica - será mesmo coisa de burocrata, ao invés do avanço na direção do primeiro planejamento social global do país?

Nós poderíamos estar trabalhando na discussão fraterna dessas questões, e de muitas outras. Ao invés disso, atacamos o estilo presidencial de falar por metáforas e parábolas; dizemos que é imbecilizante, retórica da empulhação. Esquecemos de que por trás das parábolas há um homem e uma vida, uma infinita perseverança e uma límpida capacidade de dizer a verdade

sem ser por hipóteses, deduções e inferências - às quais nem todos estão acostumados nas vidas que vão levando, às vezes aos tropeções.

Talvez o mais grave de tudo seja isso. Que os nossos velhos companheiros, que tantas vezes nos precederam enquanto nós maquinávamos teorias, de repente se tenham tornado inimigos e traidores para alguns de nós. (Que podem ser minoria, mas lançam manifestos, dão declarações bombásticas e criam fatos políticos.) Isto sim de dá medo. Porque parece uma patologia de casta, logo qual, a formadora de opinião. Quanto ao resto, não. A esperança está destinada a vencer o medo, como a vida, no final das contas, sempre vence a morte.

